

LEXICOGRAFIA DISCURSIVA: O CASO DO DICIONÁRIO AULETE DIGITAL

JANYS BALLEJOS¹; AMANDA SCHERER²;

¹Universidade Federal de Santa Maria – janybsallejos@gmail.com

²Universidade Federal de Santa Maria– amanda.scherer@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No presente estudo, propomos um primeiro gesto de interpretação acerca da significação da união homoafetiva no dicionário on-line de língua portuguesa, nomeado Aulete Digital. Para isso, tomamos como objeto de análise três verbetes desse dicionário – família, casamento e matrimônio – que, como veremos, compõem uma rede de significação interessante de estudo. A reflexão acerca do léxico, a partir de uma perspectiva discursiva, não se faz isoladamente, separando palavra por palavra sem levar em conta suas condições de produção. Há, sim, no interior de um instrumento linguístico, como o dicionário, uma rede que significa entrelaçada de uma palavra em outra e depois outra e mais outra. Há, assim, um dizer que tenta estabilizar-se no dicionário, mesmo que formulado com outras estruturas sintáticas, refletindo, dessa forma, em diferentes verbetes, o que já está estabilizado em sua estrutura de significação. Concordamos, então, com o que Petri e Scherer (2016, p. 371) afirmam: “é impossível pensar que a palavra não guarda em si uma memória, memória da e na língua, mas fora dela, memória do lexicógrafo, mas também das condições de produção do seu aparecimento, não o primeiro, mas aquele que permanece”.

Desse modo, compreendemos que as palavras que estão no dicionário não são transparentes, mas sim estão carregadas de história, perpassadas por marcas sociais, culturais, políticas e, também, ideológicas. Isso faz com que o dicionário seja, nas palavras de Nunes (2006, p. 11), “um material interessante para se observar os modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em certas conjunturas históricas”.

Para nortear nosso estudo, apoiamo-nos na teoria da Análise de Discurso de linha francesa em articulação com a História das Ideias Linguísticas. Assim, o dicionário, a partir da História das Ideias Linguísticas, é tomado como um instrumento linguístico, pois está relacionado ao conceito de gramatização que, de acordo com Auroux ([1992] 2014, p. 65) é “o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são até hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário”. Em vista disso, o dicionário, ao lado da gramática, ocupa um lugar de importância para a constituição e preservação de uma língua.

Já, a partir de uma perspectiva discursiva, o trabalho com dicionários se dá pela desconstrução da visão convencional que temos acerca dele, ou seja, desconstruir o dicionário é desconstruir a visão de completude, neutralidade e certeza, visão esta que muito lhe é atribuída no senso comum. A Análise de Discurso vê o dicionário como um objeto que está passível de falha e, também, de falta. Ler discursivamente o dicionário é compreender de que modo os verbetes estão formulados, como as significações estão se relacionando com suas condições de produção, analisando o seu funcionamento discursivo. De acordo com Nunes (2010, p. 7) “o dicionário é produzido sob certas ‘condições de produção dos discursos’. E as palavras não são tomadas como algo abstrato, sem

relação com os sujeitos e as circunstâncias em que elas se encontram, mas sim como resultantes das relações sociais e históricas...".

Assim, neste estudo, apoiadas nessas duas perspectivas teóricas, realizamos um primeiro (e possível) trajeto de leitura dos dizeres acerca da família e da união conjugal, analisando *como* as significações dadas aos três verbetes selecionados – família, casamento e matrimônio – funcionam discursivamente em relação às suas condições sócio-histórico-ideológicas.

2. METODOLOGIA

Como mencionamos, a partir da perspectiva teoria da Análise de Discurso, tomamos o dicionário como objeto discursivo (NUNES, 2006), e, pelo olhar da História das Ideias Linguísticas, o dicionário é compreendido como instrumento linguístico (AUROUX, [1992] 2014). Para propor nosso gesto de interpretação acerca dos verbetes selecionados, mobilizamos, especialmente, a noção de formação discursiva, a partir de Orlandi (2015), a fim de compreendermos em que formação discursiva estão inscritas as significações; e o efeito analítico palavra-puxa-palavra, de Petri e Scherer (2016), com o intuito de analisar o funcionamento discursivo na rede de significação que há no interior do dicionário.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de entrarmos na análise de cada uma das definições, vamos expor, nas figuras a seguir, como o dicionário Aulete Digital define cada um dos verbetes.

Figura 1 – Definição de Família

Verbete Atualizado	Verbete Original	
família		
(fa.mí.li:a)		A A A /
sf.		
1. Grupo de pessoas que têm parentesco próximo entre si (esp. pai, mãe e filhos) e que vivem na mesma residência, seu lar		
2. Grupo de pessoas que têm relações de parentesco, inclusive as adquiridas (por casamento, adoção etc.)		

Importante destacarmos que o verbete família, no Aulete Digital, está composto por 11 acepções, no entanto, por uma questão de espaço, realizamos um recorte, deixando apenas as acepções que serão analisadas neste estudo.

Figura 2 – Definição de Casamento

Verbete Atualizado	Verbete Original	
casamento		
(ca.sa.men.to)		A A A A
sm.		
1. União conjugal entre homem e mulher; MATRIMÔNIO [+ de... com, entre.]		
2. A relação e a vida familiar decorrente dessa união []		
3. Cerimônia civil ou religiosa que efetiva essa união; BODA; NÚPCIAS [+ de... com, entre]		
4. Fig. Associação, união: <u>casamento</u> perfeito entre letra e música. [+ de... com, entre.]		
5. Qualquer união semelhante à de marido e mulher		

Figura 3 – Definição de Matrimônio

Verbete Atualizado	Verbete Original
matrimônio	
(ma.tri.mô.ni:o)	
sm.	
1. Ato legal que une um homem a uma mulher; CASAMENTO	
[F.: Do lat. <i>mātrīmōnium</i> . Hom./Par.: <i>matrimonio</i> (fl. de <i>matrimoniar</i>).]	

Na Figura 1, família está significada como um grupo de pessoas que têm parentesco próximo e, entre parênteses, temos uma especificação, que diz respeito à imagem do pai, da mãe e dos seus filhos. Compreendemos, então, que essa primeira acepção pode se inscrever numa formação discursiva religiosa-cristã, a qual família é uma família formada, especialmente, pelo pai, mãe e filhos e que moram em um mesmo espaço físico. O imaginário de uma família é, assim, reduzido ao casal heterossexual. Já na segunda acepção, é mencionada as relações de parentesco, inclusive as que podem ser estabelecidas por meio do casamento e da adoção. O que nos leva para o verbete casamento é essa menção na segunda acepção, pois ali não está explícito como é compreendido o casamento, ele é apenas citado como exemplo de uma relação estabelecida.

Na Figura 2, temos as significações que o dicionário dá para o verbete casamento, aqui, vamos analisar somente a primeira, “união conjugal entre um homem e uma mulher, MATRIMÔNIO”. Podemos compreender que essa acepção, também, está inscrita em uma formação discursiva religiosa-cristã, uma vez que há menção do homem e da mulher, o que traz, novamente, o casal heterossexual como o imaginário de união entre duas pessoas. A partir da menção da palavra matrimônio, ao final da acepção, fomos levadas, também, para a significação desse verbete. Na Figura 3, temos matrimônio como um “ato legal que une um homem a uma mulher, casamento”, assim, percebemos que há uma repetição de um imaginário de casamento, reforçando que a união entre duas pessoas é a união de um homem com uma mulher.

Desse modo, ao voltarmos para a significação de família, compreendemos que, ao trazer a palavra casamento, é nesse sentido de união heterossexual. Nesse primeiro gesto de interpretação, foi possível que compreendêssemos como a formação discursiva religiosa-cristã se atravessa nas significações analisadas à medida em que há a menção da união do homem (pai) com a mulher (mãe), que silencia o imaginário de uma união homoafetiva por exemplo. Não há, desse modo, nos três verbetes analisados, uma ruptura no que vinha sendo estabilizado – um discurso de que uma família, um casamento e uma união conjugal se dá entre duas pessoas de sexos diferentes – temos, sim, uma estabilização do dizer, formulado a partir de outras construções sintáticas e escolhas lexicais, à medida em que no verbete família há o pai e a mãe, e em casamento e matrimônio há o homem e a mulher. A partir disso, podemos compreender, ainda, que a união homoafetiva não está sendo significada nos verbetes, pois, no momento em que se marca e se especifica de que relação está se referindo, não se deixa em aberto as possíveis interpretações acerca do que pode ser uma família e um casamento. Não há, assim, um imaginário de união entre duas pessoas do mesmo sexo.

4. CONCLUSÕES

O movimento analítico “palavra-puxa-palavra” (PETRI; SCHERER, 2016) é um possível trajeto de leitura do e no dicionário a partir de uma rede de significação, ou seja, partimos de uma palavra que nos levará a outras, assim, a rede vai se formulando e vamos compreendendo como as significações vão se deslocando e se movimentando no interior de um mesmo dicionário. Com este nosso estudo, ainda em forma bem inicial, foi possível analisar como os dizeres acerca da família e da união conjugal vão se estabilizando no interior do dicionário selecionado, fazendo ressoar um imaginário de família e não outro. O estudo com dicionários nos leva a compreender que a língua não é transparente, ela é carregada de história, por isso, propomos essa reflexão, esse olhar discursivo para um instrumento linguístico que é tão importante para a constituição de uma língua. Ler o dicionário por esse viés é questionar a sua completude e sua neutralidade, é, também, trazer à tona sua falta e sua falha, não no sentido do erro, mas no sentido de que não há uma completude e sim um imaginário dela. Dessa forma, nosso estudo contribui para o fomento de reflexões acerca da língua, do discurso e da história. Como estudiosas da língua e da linguagem, como analistas de discurso é nosso papel proporcionar um olhar-outro para as materialidades que estão no mundo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Editora da Unicamp, [1992] 2014.

NUNES, J. H. **Dicionários no Brasil**: análise e história do século XVI ao XIX. Campinas: Pontes, 2006.

_____. Dicionários: história, leitura e produção. **Revista de Letras**, Taguatinga, v. 3, p. 06-21, 2010. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/1981/1305>. Acesso em 10 set. 2020.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12 ed. Campinas: Pontes, 2015.

PETRI, V.; SCHERER, A. E. O funcionamento do político na produção de sentidos: o dicionário como trajeto de leitura...In: GRIGOLETTO, E.; NARDI, F. S. (Org.). **A análise do Discurso e sua história**: avanços e perspectivas. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2016. cap. 8, p. 359-373.